

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO X

MAIO DE 1867

Nº 5

## Atmosfera Espiritual

O Espiritismo nos ensina que os Espíritos constituem a população invisível do globo, estão no espaço e entre nós, vendo-nos e nos acotovelando incessantemente, de tal sorte que, quando nos julgamos sós, temos constantemente testemunhas secretas de nossas ações e de nossos pensamentos. Isto pode parecer constrangedor para certas pessoas, mas desde que assim é, não se pode impedir que assim seja. Cabe a cada um fazer como o sábio, que não teria medo se sua casa fosse de vidro. Sem nenhuma dúvida é a esta causa que se deve atribuir a revelação de tantas torpezas e infrações que se pensava sepultados na sombra.

Além disso sabemos que, numa reunião, além dos assistentes corporais, há sempre ouvintes invisíveis; que sendo a permeabilidade uma das propriedades do organismo dos Espíritos, estes podem achar-se em número ilimitado num dado espaço. Muitas vezes nos foi dito que em certas sessões eles eram em quantidades inumeráveis. Na explicação dada ao Sr. Bertrand, a propósito das comunicações coletivas que ele obteve, foi dito que o número de Espíritos presentes era tão grande que a atmosfera estava, a bem dizer, *saturada* de seus fluidos. Isto não é novo para

os espíritas, mas talvez não tenham sido deduzidas todas as conseqüências.

Sabe-se que os fluidos que emanam dos Espíritos são mais ou menos salutareos, conforme o grau de sua depuração; conhece-se o seu poder curativo em certos casos e, também, seus efeitos mórbidos de indivíduo a indivíduo. Ora, desde que o ar pode ser *saturado* desses fluidos, não é evidente que, segundo a natureza dos Espíritos que sobejam em determinado lugar, o ar ambiente não se ache carregado de elementos salutareos ou prejudiciais, que devem exercer uma influência sobre a saúde física, tanto quanto sobre a saúde moral? Quando se pensa na energia da ação que um Espírito pode exercer sobre um homem, é de admirar-se da que deve resultar da aglomeração de centenas ou de milhares de Espíritos? Esta ação será boa ou má conforme os Espíritos derramem num dado meio um fluido benéfico ou maléfico, agindo à maneira das emanações fortificantes ou dos miasmas deletérios, que se espalham no ar. Assim se podem explicar certos efeitos coletivos produzidos sobre massas de indivíduos, o sentimento de bem-estar ou de mal-estar que se experimenta em certos meios, e que não têm nenhuma causa aparente conhecida, o arrastamento coletivo para o bem ou para o mal, os impulsos generosos, o entusiasmo ou o desânimo, por vezes a espécie de vertigem que se apodera de toda uma assembléia, de toda uma cidade, mesmo de todo um povo. Cada indivíduo, em razão do seu grau de sensibilidade, sofre a influência desta atmosfera viciada ou vivificante. Por este fato, que parece fora de dúvida e que confirma, ao mesmo tempo, a teoria e a experiência, nós achamos nas relações do mundo espiritual com o mundo corporal, um novo princípio de higiene que, sem dúvida, um dia a Ciência levará em consideração.

Podemos, então, subtrair-nos a essas influências que emanam de uma fonte inacessível aos meios materiais? Sem sombra de dúvida, porquanto, assim como saneamos os lugares insalubres,

destruindo a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos envolve, subtraindo-nos às influências perniciosas dos fluidos espirituais malsãos, e isto mais facilmente do que podemos escapar às exalações paludosas, pois depende unicamente de nossa vontade, e aí não estará um dos menores benefícios do Espiritismo, quando for universalmente compreendido e, sobretudo, praticado.

Um princípio perfeitamente constatado por todo espírita, é que as qualidades do fluido perispiritual estão na razão direta das qualidades do Espírito encarnado ou desencarnado; quanto mais elevados e desprendidos das influências da matéria forem os sentimentos, mais depurado será o seu fluido. Conforme os pensamentos que o dominam, o encarnado irradia fluidos, impregnados desses mesmos pensamentos, que os viciam ou os saneiam, fluidos realmente materiais, conquanto impalpáveis, invisíveis para os olhos do corpo, mas perceptíveis pelos sentidos perispirituais e visíveis pelos olhos da alma, pois impressionam fisicamente e afetam aparências muito diferentes para os que são dotados de visão espiritual.

Pelo só fato da presença dos encarnados numa assembléia, os fluidos ambientes serão bons ou maus. Quem quer que traga consigo pensamentos de ódio, de inveja, de ciúme, de orgulho, de egoísmo, de animosidade, de cupidez, de falsidade, de hipocrisia, de maledicência, de malevolência, numa palavra, pensamentos hauridos na fonte das más paixões, espalha em torno de si eflúvios fluídicos enfermícios, que reagem sobre os que o cercam. Ao contrário, numa assembléia em que cada um só trouxesse sentimentos de bondade, de caridade, de humildade, de devotamento desinteressado, de benevolência e de amor ao próximo, o ar é impregnado de emanções salubres, em meio às quais se sente viver mais à vontade.

Se agora se considerar que os pensamentos atraem os pensamentos da mesma natureza, que os fluidos atraem os fluidos

similares, compreende-se que cada indivíduo traga consigo um cortejo de Espíritos simpáticos, bons ou maus, e que, assim, o ar seja *saturado* de fluidos em relação com os pensamentos que predominam. Se os maus pensamentos forem em minoria, não impedirão que as boas influências se produzam, pois estas os paralisam. Se dominarem, enfraquecerão a irradiação fluídica dos Espíritos bons, ou, mesmo, por vezes impedirão que os bons fluidos penetrem nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios-do-sol.

Qual é, pois, o meio de se subtrair à influência dos maus fluidos? Esse meio ressalta da própria causa que produz o mal. Que se faz quando se reconhece que um alimento é prejudicial à saúde? É rejeitado e substituído por outro mais saudável. Já que são os maus pensamentos que engendram os maus fluidos e os atraem, deve-se envidar esforços para só os ter bons, repelir tudo o que é mal, como se repele um alimento que nos pode tornar doentes; numa palavra, trabalhar por seu melhoramento moral e, para nos servirmos de uma comparação do Evangelho, “não só limpar o vaso por fora, mas, sobretudo, limpá-lo por dentro.”

Melhorando-se, a Humanidade verá depurar-se a atmosfera fluídica em cujo meio vive, porque não lhe enviará senão bons fluidos, e estes oporão uma barreira à invasão dos maus. Se um dia a Terra chegar a ser povoada somente por homens que, entre si, pratiquem as leis divinas do amor e da caridade, ninguém duvida que eles se encontrarão em condições de higiene física e moral completamente diversas das hoje existentes.

Sem dúvida esse tempo ainda está longe, mas, enquanto se espera, essas condições podem existir parcialmente, cabendo às assembléias espíritas dar o exemplo. Os que tiverem possuído a luz serão mais repreensíveis, porque terão tido em mãos os meios de se esclarecer; incorrerão na responsabilidade dos retardamentos que seu exemplo e sua má vontade tiverem trazido ao melhoramento geral.

Isto é uma utopia, um discurso vão? Não; é uma dedução lógica dos próprios fatos, que o Espiritismo revela diariamente. Com efeito, o Espiritismo nos prova que o elemento espiritual, que até o presente tem sido considerado como a antítese do elemento material, tem com esse último uma conexão íntima, donde resulta uma porção de fenômenos não observados ou incompreendidos. Quando a Ciência tiver assimilado os elementos fornecidos pelo Espiritismo, ela aí colherá novos e importantes elementos para o melhoramento material da Humanidade. Assim, a cada dia vemos alargar-se o círculo das aplicações da doutrina que, como alguns ainda pensam, está longe de se restringir ao pueril fenômeno das mesas girantes e outros efeitos de mera curiosidade. Realmente o Espiritismo não tomou o seu impulso senão no momento em que entrou na via filosófica; é menos divertido para certa gente, que nele buscava apenas uma distração, mas é mais bem apreciado pelas pessoas sérias, e o será ainda mais, à medida que for mais bem compreendido em suas conseqüências.

## Emprego da Palavra Milagre

O jornal *Vérité*, de Lyon, de 16 de setembro de 1866, num artigo intitulado *Renan e sua escola*, continha as reflexões seguintes, a propósito da palavra *milagre*.

“Renan e sua escola nem se dão ao trabalho de discutir os fatos; rejeitam todos *a priori*, qualificando-os erroneamente de sobrenaturais e, portanto, impossíveis e absurdos, opondo-lhes um fim de não-aceitação absoluto e *um desdém transcendente*. Acerca disto Renan disse uma palavra eminentemente verdadeira e profunda: ‘O sobrenatural não seria outra coisa senão o *superdivino*.’ Aderimos com toda a nossa energia a esta grande verdade, mas fazemos observar que a própria palavra *milagre* (*mirum*, coisa admirável e até então inexplicável) não quer dizer interversão das leis da Natureza; longe disso: antes significa *flexibilidade dessas*

*mesmas leis, ainda desconhecidas do espírito humano.* Diremos mesmo que sempre haverá milagres, porque a ascensão da Humanidade para o conhecimento cada vez mais perfeito sendo sempre progressivo, esse conhecimento necessitará constantemente ser superado e aguilhoado por fatos que parecerão maravilhosos na época em que se produzirem e não serão compreendidos e explicados senão mais tarde. Um escritor muito acreditado de nossa escola deixou-se tomar por essa objeção; (Allan Kardec) repete em muitas passagens de suas obras que não há maravilhoso, nem milagres; é uma inadvertência resultante do falso sentido de *sobrenatural*, repellido completamente pela etimologia da palavra. Dizemos nós que se a palavra *milagre* não existisse, para qualificar fenômenos ainda em estudo e saindo da ciência vulgar, seria preciso inventá-la, como a mais apropriada e a mais lógica.

“Nada é sobrenatural, repetimos, porque fora da Natureza criada e incriada não há absolutamente nada de concebível; mas há o *sobre-humano*, isto é, fenômenos que podem ser produzidos por seres inteligentes outros que não os homens, segundo as leis de sua *natureza*, ou produzidos, quer mediatamente, quer imediatamente por Deus, conforme sua *natureza* ainda e conforme suas relações *naturais* com suas criaturas.”

*Philalèthès*

Graças a Deus não ignoramos o sentido etimológico da palavra *milagre*. Temo-lo provado em muitos artigos e, notadamente, no da Revista do mês de setembro de 1860. Não é, pois, nem por engano, nem por *inadvertência* que repelimos a sua aplicação aos fenômenos espíritas, por mais extraordinários que possam parecer à primeira vista, mas com perfeito conhecimento de causa e intencionalmente.

Em sua acepção usual a palavra *milagre* perdeu sua significação primitiva, como tantas outras, a começar pelo vocábulo

*filosofia* (amor à sabedoria), da qual se servem hoje para exprimir as idéias mais diametralmente opostas, desde o mais puro espiritualismo até o materialismo mais absoluto. Não é duvidoso para ninguém que, no pensamento das massas, *milagre* implica a idéia de um fato extranatural. Perguntei a todos os que acreditam nos milagres se os encaram como efeitos naturais. A Igreja está de tal modo fixada neste ponto que anatematiza os que pretendem explicar os milagres pelas leis da Natureza. A Academia mesma assim define este vocábulo: *Ato do poder divino, contrário às leis conhecidas da Natureza. – Verdadeiro, falso milagre – Milagre comprovado – Operar milagres – O dom dos milagres.*

Para ser compreendido por todos, é preciso falar como todo o mundo. Ora, é evidente que se tivéssemos qualificado os fenômenos espíritos de *miraculosos*, o público ter-se-ia enganado quanto ao seu verdadeiro caráter, a menos que empregasse de cada vez um circunlóquio e dissesse que há milagres que não são milagres, como geralmente se os entendem. Desde que a generalidade a isto liga a idéia de uma derrogação das leis naturais, e que os fenômenos espíritos não passam de aplicação dessas mesmas leis, é muito mais simples e, sobretudo, mais lógico dizer claramente: Não, o Espiritismo não faz milagres. Desta maneira, nem há engano, nem falsa interpretação. Assim como o progresso das ciências físicas destruiu uma porção de preconceitos, e fez entrar na ordem dos fatos naturais um grande número de efeitos outrora considerados como miraculosos, o Espiritismo, pela revelação de novas leis, vem restringir mais ainda o domínio do maravilhoso; dizemos mais: dá-lhe o último golpe, razão por que não é mal visto em parte alguma, tanto quanto não o são a astronomia e a geologia.

Se os que crêem nos milagres entendessem esta palavra em sua acepção etimológica (coisa admirável), admirariam o Espiritismo, em vez de lhe lançar anátema; em lugar de aprisionar Galileu por ter demonstrado que Josué não podia ter parado o Sol,

ter-lhe-iam tecido coroas por haver revelado ao mundo coisas de outro modo admiráveis, e que atestam infinitamente melhor a grandeza e o poder de Deus.

Pelos mesmos motivos, repelimos a palavra *sobrenatural* do vocabulário espírita. *Milagre* ainda teria sua razão de ser em sua etimologia, salvo em determinar a sua acepção; *sobrenatural* é uma insensatez do ponto de vista do Espiritismo.

O vocábulo *sobre-humano*, proposto por Philaléthès, em nossa opinião é igualmente impróprio, porque os seres que são agentes primitivos dos fenômenos espíritas, embora no estado de Espíritos, não deixam de pertencer à Humanidade. A palavra *sobre-humano* tenderia a sancionar a opinião longamente acreditada, e destruída pelo Espiritismo, que os Espíritos são criaturas à parte, fora da Humanidade. Uma outra razão peremptória é que muitos desses fenômenos são o produto direto dos Espíritos encarnados, por conseguinte, homens, e em todo o caso, requerem quase sempre o concurso de um encarnado; portanto, não são mais sobre-humanos que sobrenaturais.

Uma palavra que também se afastou completamente de sua significação primitiva é *demônio*. Sabe-se que, entre os Antigos, dizia-se *daimon* dos Espíritos de uma certa ordem, intermediários entre os homens e aqueles que eram chamados *deuses*. Esta denominação não implicava, na origem, nenhuma qualidade má; ao contrário, era tomada em bom sentido. O demônio de Sócrates certamente não era um Espírito mau, ao passo que, segundo a opinião moderna, saída da teologia católica, os demônios são anjos decaídos, seres à parte, essencialmente e perpetuamente votados ao mal.

Para ser conseqüente com a opinião de Philaléthès, seria preciso, em respeito pela etimologia, que o Espiritismo também conservasse a qualificação de demônios. Se o Espiritismo



chamasse os seus fenômenos de *milagres* e os Espíritos de *demônios*, seus adversários teriam o queijo e a faca na mão! Seria repellido por três quartos dos que hoje o aceitam, porque nele veriam um retorno a crenças que já não são de nosso tempo. Vestir o Espiritismo com *roupas usadas* seria uma inabilidade, um golpe funesto na doutrina, que se veria em dificuldade para dissipar as prevenções que denominações impróprias tivessem alimentado.

## Revista Retrospectiva das Idéias Espíritas

### PUNIÇÃO DO ATEU

“Viagem pitoresca e sentimental ao Campo de Repouso de Montmartre e do Père-Lachaise; por Ans. Caillot, autor da Enciclopédia das Jovens, e das Novas Lições Elementares da História de França.” Tal é o título de um livro publicado em Paris em 1808, e que hoje deve ser muito raro. O autor, depois de historiar e descrever esses dois cemitérios, cita um grande número de inscrições tumulares, sobre cada uma das quais faz reflexões filosóficas, marcadas por profundo sentimento religioso, provocado pelo pensamento que as ditou. De início observamos a passagem seguinte, na qual se encontra claramente expressa a idéia da reencarnação:

“Que sábio e que homem profundamente religioso foi o primeiro a chamar *Campo de Repouso* o último asilo deste ser cuja existência, até seu último suspiro, é atormentado pelos seres que o cercam e por si mesmo! Aqui todos repousam no seio da mãe-comum, num sono que não é senão *o precursor do despertar*, isto é, de uma *nova existência*. Esses restos veneráveis a terra os conserva como um depósito sagrado; e se ela se apressa em os dissolver, é para depurar seus elementos e os tornar mais dignos da inteligência que os *reanimará um dia para novos destinos*.”

Mais adiante diz: “Oh! quanto o cego e audacioso mortal que ousou te expulsar de seu espírito e de seu coração (o ateu que renega a Deus) ficou admirado quando sua alma compareceu ante a Majestade infinita! Como não se viu seus despojos agitar-se e tremer de surpresa e de terror! Como sua língua gelada não se animou para exprimir o espanto de que estava ferida, quando a carne não mais se achou entre ela e teus divinos olhares! Grande Deus! causa universal, alma da Natureza! todos os seres te reconhecem e te celebram como teu único autor: só o homem desviaria de ti o espírito inteligente e racional que lhe dás para te glorificar? Ah! sem dúvida, e apraz-me crê-lo, não houve um só dos quarenta mil mortais, cujos corpos jazem aqui no pó, que não tivesse a convicção de tua existência e o sentimento de tuas adoráveis perfeições.

“Quando eu acabava de pronunciar com emoção estas últimas palavras, um ruído se fez ouvir ao meu lado. Lancei o olhar para esse lado e - coisa admirável e inaudita! – percebi um espectro que, envolto em sua mortalha, tinha saído de um túmulo e avançava gravemente para mim, para me falar. Esta aparição não seria um jogo de minha imaginação? É o que me é impossível assegurar. Mas o diálogo seguinte, que bem conservei, fez-me crer que eu não era o único interlocutor para dois papéis ao mesmo tempo.”

Aqui faremos uma pequena observação crítica, primeiramente sobre a qualificação de *espectro*, dada pelo autor à aparição, real ou suposta. Esta palavra lembra muito as idéias lúgubres que a superstição liga ao fenômeno das aparições, hoje perfeitamente *explicado*, conforme o conhecimento que se tem da constituição dos seres espirituais. Em segundo lugar, sobre o fato de ele fazer essa aparição sair do túmulo, como se alma aí tivesse a sua habitação. Mas isto não passa de um detalhe de forma, devido a preconceitos longamente arraigados; o essencial está no quadro que ele apresenta da situação moral dessa alma, situação idêntica à que hoje nos revelam as comunicações com os Espíritos.

O autor relata como segue o diálogo que teve com o ser que lhe apareceu:

Quando o espectro se aproximou de mim, fez-me ouvir estas palavras com uma voz tal que me era impossível especificar o som, pois jamais tinha ouvido um semelhante entre os homens:

“Fazes bem em adorar a Deus. Guarda-te de jamais me imitar, porque fui um ateu.”

*Eu* – Então não acreditavas que existisse um Deus?

*O Espectro* – Não. Ou antes, eu fingi que não acreditava.

*Eu* – Que razões tinhas para não acreditar que o Universo foi criado e é governado por uma inteligência suprema?

*O Espectro* – Nenhuma. Por mais que procurasse, não encontrava pontos sólidos e estava reduzido a só repetir vãos sofismas, que havia lido nas obras de alguns supostos filósofos.

*Eu* – Se não tinhas boas razões para ser ateu, então tinhas motivos para o parecer?

*O Espectro* – Sem dúvida. Vendo todos os meus semelhantes penetrados da idéia de um Deus e do sentimento de sua existência, o orgulho que me cegava levou-me a me distinguir da multidão, sustentando a quem quer que me quisesse ouvir que Deus não existia e que o Universo era obra do acaso, ou mesmo que sempre tinha existido. Considerava como uma glória pensar neste grande assunto de modo diverso de todos os homens, e *não achava nada mais lisonjeiro que ser considerado no mundo como um Espírito bastante forte para se levantar contra a crença comum de todos os homens e de todos os séculos.*

*Eu* – Não tinhas outro móvel além do orgulho para abraçar o ateísmo?

*O Espectro* – Sim.

*Eu* – Qual? Dize a verdade.

*O Espectro* – A verdade!!... Sem dúvida eu a direi, pois me é impossível na ordem de coisas em que existo, combatê-la ou dissimulá-la.

Como todos os meus semelhantes, nasci com o sentimento da existência de um Deus, autor e princípio de todos os seres. Esse sentimento, que a princípio não passava de um germe, no qual meu espírito nada descobria, desenvolveu-se pouco a pouco; e quando atingi a idade da razão e adquiri a faculdade de refletir, não tive de fazer nenhum esforço para dele me livrar. Quantas lições de meus pais e de meus mestres me agradavam, quando Deus e suas perfeições infinitas eram o assunto! Quanto me encantava o espetáculo da Natureza e que doce satisfação experimentava quando me falavam desse grande Deus, que tudo criou por seu poder, sustenta, governa e conserva tudo por sua sabedoria!

Entretanto, cheguei à adolescência e as paixões começaram a me fazer ouvir sua voz sedutora. Estabelecia ligações com jovens da minha idade; segui seus funestos conselhos e me conformei com seus perigosos exemplos. Entrando no mundo com essas disposições condenáveis, não pensei mais senão em lhe fazer o sacrifício de todos os princípios de virtude e de sabedoria que a princípio me havia inspirado. Esses princípios, diariamente atacados por minhas paixões, refugiaram-se no fundo de minha consciência e aí se transformaram em remorsos. Como esses remorsos não me deixassem nenhum repouso, resolvi aniquilar, tanto quanto estava em mim, a causa que os havia gerado. Achei que essa causa não era outra senão a idéia de um Deus remunerador da virtude e vingador do crime; e o ataquei com todos os sofismas que meu Espírito pôde inventar ou descobrir nas obras destinadas a espalhar a doutrina do ateísmo.

*Eu* – Ficavas mais tranqüilo quando amontoavas sofismas sobre sofismas contra a existência de Deus?

*O Espectro* – Por mais que fizesse, o repouso me fugia incessantemente. Mau grado meu, eu estava convencido e, embora a boca não pronunciasse uma palavra que não fosse uma blasfêmia, não tinha um sentimento que não combatesse contra mim, em favor de Deus.

*Eu* – Que se passou contigo durante a moléstia de que morreste?

*O Espectro* – Eu quis sustentar até o fim o caráter de espírito forte, mas o orgulho me impedia de confessar o meu erro, não obstante sentisse interiormente uma premente necessidade. Foi nesta criminosa e falsa disposição que deixei de existir.

*Eu* – O que te aconteceu quanto teus olhos se fecharam para sempre à luz?

*O Espectro* – Encontrei-me inteiramente cercado pela majestade de Deus e fui tomado de tão profundo terror que não acho um termo que te possa dar uma idéia justa. Eu esperava muito ser rigorosamente punido, mas o soberano juiz, cuja misericórdia suaviza a justiça, relegou-me a uma tenebrosa região, habitada pelos Espíritos que tiveram mãos inocentes e cérebro doentio.

*Eu* – Qual a sorte dos ateus que cometeram crimes contra a sociedade de seus semelhantes?

*O Espectro* – O Ser dos seres os pune por terem sido maus, e não por se terem enganado, pois despreza as opiniões e só recompensa ou pune as ações.

*Eu* – Então não és castigado na morada tenebrosa onde estás exilado?

*O Espectro* – Aí sofro uma pena mais cruel do que podes imaginar. Deus, depois de me haver condenado, afastou-se de mim; imediatamente *perdi toda idéia de sua existência, e o nada se me apresentou em todo o seu horror.*

*Eu* – O quê! perdeste inteiramente a idéia da Deus?

*O Espectro* – Sim. *É o maior suplício que um Espírito imortal pode suportar, e nada pode fazer conceber o estado de abandono, de dor e de desordem em que se encontra.*

*Eu* – Qual é, pois, a tua ocupação com os Espíritos submetidos ao mesmo suplício?

*O Espectro* – Nós nos altercamos incessantemente, sem nos entendermos. O desatino e a loucura presidem a todos os nossos debates e, na profunda escuridão em que se acha sepultada a nossa inteligência, não há nenhuma opinião, nenhum sistema que ela não adote, para logo os rejeitar e conceber novas extravagâncias. É, pois, a agitação perpétua desse fluxo e refluxo de idéias sem fundamento, sem continuidade, sem ligação, que consiste o castigo dos filósofos que foram ateus.

*Eu* – A despeito de tudo, raciocinas neste momento.

*O Espectro* – É porque meu suplício logo vai terminar. Ele foi muito longo, porque, embora na Terra não se contem senão dois anos desde minha morte, sofri de tal modo essas loucuras que disse e ouvi, que me parece já se terem passado milhares de séculos na região dos sistemas e das disputas.

Depois de ter assim falado, o Espectro inclinou-se, adorou a Deus e desapareceu.

Quando me refiz da emoção causada pelo que acabara de ver e ouvir, meus pensamentos se reportaram às coisas espantosas que o espectro me havia ensinado. O que me disse do primeiro Ser corresponde à idéia que tão grande número de homens fizeram? Que acabo de ouvir? Quê! o próprio ateu, o horror de seus semelhantes, acabou por encontrar graça aos olhos desta Divindade que me apresentam como uma natureza vingativa e invejosa? Oh! quem ousará dizer-me agora: Se não adotares tal ou qual opinião, serás condenado a eternos suplícios? Que bárbaro

ousará dizer: Fora de minha comunhão não há salvação? Ser incompreensível e todo misericordioso, tu encarregaste alguém do cuidado de te vingar? É a uma vil criatura que compete dizer aos seus semelhantes: pensai como eu, ou sereis infeliz para sempre! Que limites, grande Deus! Podemos nós, seres limitados que somos, fixar a tua clemência e a tua justiça? E com que direito eu te diria: Aqui tu recompensarás, ali tu punirás? Respondei, ó mortos que jazeis no pó! Foi possível a todos vós que tivésseis a mesma crença na qual eu nasci? Vossas inteligências foram todas igualmente tocadas por provas que estabelecem os mistérios que eu adoro e os dogmas nos quais creio? Oh! como os degraus de uma crença seriam os mesmos em toda parte, assim como os degraus da convicção? Homem intolerante e cruel, vem, se tens coragem, sentar-te ao meu lado, e ousa dizer às vítimas da morte, cujas lições escutei: “Aqui sois quarenta mil. Pois bem! não há senão dez, cinqüenta, cem entre vós que o Deus vingador não devotou às chamas eternas!”

Se esse fosse o discurso de um insensato, para que serviria a religião dos túmulos? Por que deveria eu respeitar as cinzas dos que adoram o grande Ser à minha maneira? É neste recinto, onde os inimigos de minha crença repousam, confundidos com seus sectários, que eu poderia ouvir as lições da verdadeira sabedoria? E de que impiedade eu me tornaria culpado, comunicando com inteligências reprovadas, a cujos despojos venho render uma homenagem inspirada pela religião, como pela Humanidade?

## Uma Expição Terrestre

O JOVEM FRANCISCO

As pessoas que leram *O Céu e o Inferno* sem dúvida se lembram da tocante história de Marcel, o menino do nº 4, referida

no capítulo VIII das *Expições terrestres*. O fato seguinte apresenta um caso mais ou menos análogo e não menos instrutivo, como aplicação da soberana justiça e como explicação do que muitas vezes parece inexplicável em certas posições da vida.

Numa boa e honesta família morreu, em outubro de 1866, um rapazote de doze anos, cuja vida, durante nove anos, tinha sido um sofrimento contínuo, que nem os cuidados afetuosos de que era cercado, nem os socorros da Ciência tinham podido ao menos suavizar. Era acometido de paralisia e hidropisia; seu corpo estava coberto de chagas, invadidas pela gangrena e suas carnes caíam aos pedaços. Muitas vezes, no paroxismo da dor, ele exclamava: “Que fiz eu então, meu Deus, para merecer tanto sofrer? E, contudo, desde que estou no mundo não fiz mal a ninguém!” Instintivamente esse rapazinho compreendia que o sofrimento devia ser uma expiação, mas, ignorando a *lei de solidariedade das existências sucessivas*, não remontando seu pensamento além da vida presente, não se dava conta da causa que nele pudesse justificar tão cruel castigo.

Uma particularidade digna de nota foi o nascimento de uma irmã, quando ele tinha cerca de três anos. Foi nesta época que se declararam os primeiros sintomas da terrível enfermidade da qual devia sucumbir. Desde esse momento ele sentiu pela recém-vinda uma repulsa tal que não podia suportar sua presença, parecendo que sua vista redobrava seus sofrimentos. Muitas vezes ele se censurava por esse sentimento, que nada justificava, porque a pequena não o partilhava; ao contrário, ela era doce e amável para com ele. Ele dizia à sua mãe: “Por que, então, a vista de minha irmã me é tão penosa? Ela é boa para mim e, mau grado meu, não me posso impedir de detestá-la.” Entretanto, não podia suportar que lhe fizessem o menor mal, nem que a contrariassem; longe de se deleitar com suas penas, afligia-se quando a via chorar. Era evidente que nele dois sentimentos se combatiam; compreendia a injustiça de sua antipatia, mas seus esforços para superá-la eram impotentes.



Que tais enfermidades fossem, em certa idade, conseqüência de mau procedimento, seria uma coisa muito natural. Mas de que faltas tão graves uma criança desta idade pode tornar-se culpada para suportar semelhante martírio? Além disso, de onde podia provir esta repulsa por um ser inofensivo? Estes são problemas que se apresentam a todo instante, e que levam muita gente a duvidar da justiça de Deus, porque aí não encontram solução em nenhuma religião. Ao contrário, essas aparentes anomalias encontram sua completa justificação na solidariedade das existências. Um observador espírita poderia, então, dizer, com toda aparência de razão, que esses dois seres eram conhecidos e tinham sido colocados ao lado do outro na existência atual para alguma expiação, e para a reparação de alguma falta. Do estado de sofrimento do irmão, podia-se concluir que ele era o culpado, e que os laços de parentesco próximo que o uniam ao objeto de sua antipatia lhe eram impostos para preparar entre eles as vias de uma reconciliação. Assim, já se vê no irmão uma tendência e esforços para superar a sua aversão, que reconhece injusta. Esta antipatia não tinha os caracteres do ciúme que por vezes se nota em crianças do mesmo sangue. Ela provinha, pois, conforme toda a probabilidade, de lembranças dolorosas, e, talvez, do remorso que despertava a presença da menina. Tais as deduções que, racionalmente e por analogia, podem ser tiradas da observação dos fatos, e que foram confirmadas pelo Espírito do rapazote.

Evocado quase imediatamente após a morte, por uma amiga da família, pela qual nutria grande afeição, de início não pôde explicar-se de maneira completa, prometendo, ulteriormente, dar detalhes mais circunstanciados. Entre as diversas comunicações que deu, eis as duas que se referem mais particularmente à questão:

“Esperais de mim o relato que prometi, acerca do que fui numa existência anterior, e a explicação da causa de meus grandes sofrimentos; será um ensinamento para todos. Bem sei que esses ensinamentos estão em toda parte e se encontram por todos

os lados; mas o relato de fatos cujas conseqüências nós mesmos vimos, é sempre, para os que existem, uma prova muito mais admirável.

“Pequei, sim pequei! Sabeis o que é ter sido assassino, ter atentado contra a vida de seu semelhante? Não o fiz pela maneira como os assassinos empregam, matando imediatamente, seja com uma corda, seja com uma faca ou qualquer outro instrumento; não, não foi dessa maneira. Matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, eu detestava esta criança que julgava não me pertencer! Pobre inocente! Tinha merecido esta triste sorte? Não, meus pobres amigos, não o tinha merecido, ou, pelo menos, não me cabia fazê-la sofrer esses tormentos. E, contudo, eu o fiz, razão por que fui obrigado a sofrer como vistes.

“Eu sofri, meu Deus! Terá sido bastante? Sois tão bom, Senhor! Sim, em presença de meu crime e da expiação, acho que fostes muito misericordioso.

“Orai por mim, caros pais, caros amigos. Agora meus sofrimentos passaram. Pobre Sra. D..., eu vos faço sofrer! é que era muito penoso para mim vir fazer a confissão desse crime imenso!

“Esperança, meus bons amigos, Deus perdoou minha falta; agora estou na alegria e, entretanto, também na pena. Vede! Por mais que se esteja num estado melhor, por mais que se tenha expiado, o pensamento, a lembrança dos crimes deixam tal impressão que é impossível que não se sinta ainda por muito tempo todo o horror, porque não foi somente na Terra que sofri, mas antes, nesta vida espiritual! E quanto sofri para me decidir a vir sofrer esta expiação terrível! Não vos posso narrar tudo isto, porque seria muito horroroso! A visão constante de minha vítima, e a outra, a pobre mãe! Enfim, meus amigos: preces por mim e graças ao Senhor! Eu vos tinha prometido este relato. Era preciso que eu pagasse até o fim a minha dívida, custasse o que custasse.

(Até aqui o médium havia escrito sob o império de viva emoção. Continuou com mais calma).

E agora, meus bons pais, uma palavra de consolação. Obrigado, oh! obrigado! a vós que me ajudastes nesta expiação e que carregastes uma parte; suavizastes, tanto quanto de vós dependia, o que havia de amargo em meu estado. Não vos entristeçais, é coisa passada; estou feliz, eu vo-lo disse, sobretudo comparando o estado passado com o presente. Amo-vos a todos; agradeço-vos; abraço-vos; amai-me sempre. Encontrar-nos-emos e, todos juntos, continuaremos esta vida eterna, esforçando-nos para que a vida futura resgate inteiramente a vida passada.

*Vosso filho, François E.*

Numa outra comunicação, o Espírito do jovem François completou as informações acima:

P. – Caro rapaz, não disseste de onde vinha tua antipatia por tua irmãzinha.

*Resp.* – Não o adivinhas? Esta pobre e inocente criatura era minha vítima, que Deus tinha ligado à minha última existência como um remorso vivo. Eis por que sua vista me fazia sofrer tanto.

P. – Entretanto, não sabias quem era ela.

*Resp.* – Não o sabia em vigília, sem o que meus tormentos teriam sido cem vezes mais horríveis; tão horríveis quanto tinham sido na vida espiritual, em que eu a via incessantemente. Mas credes que meu Espírito, nos momentos em que estava desprendido, não o soubesse? Era a causa de minha repulsa, e se me esforçava por combatê-la, é que instintivamente sentia que era injusta. Eu não era ainda bastante forte para fazer o bem àquela que eu não podia impedir-me de detestar, mas não queria que lhe fizessem mal: era um começo de reparação. Deus me levou em conta este sentimento, permitindo que cedo eu ficasse

livre de minha vida de sofrimento, sem o que eu teria podido viver ainda longos anos na horrível situação em que me vistes.

Bendizei, pois, minha morte, que pôs um termo à expiação, porque foi a garantia de minha reabilitação.

P. – [Ao guia do médium]. Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação, sem que a isto seja necessário juntar os sofrimentos corporais?

*Resp.* – Sofrer num mundo ou no outro é sempre sofrer, e se sofre por tanto tempo até que a reabilitação seja completa. Este menino sofreu muito na Terra. Pois bem! isto nada é em relação com o que suportou no mundo dos Espíritos. Aqui ele tinha, em compensação, os cuidados e a afeição de que era rodeado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual: o primeiro é quase sempre aceito voluntariamente, como complemento de expiação, ou como prova para adiantar-se mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto.

Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: inicialmente para que a reparação se faça nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrer e sabendo a razão disto, ficam muito mais impressionados do que saber que são infelizes como Espíritos; podem melhor explicar-se a causa de seus próprios sofrimentos; de certo modo a justiça divina se mostra palpável aos seus olhos. Enfim, o sofrimento corporal é uma ocasião para os encarnados exercitarem a caridade, uma prova para seus sentimentos de comiseração e, muitas vezes, um meio de reparar erros anteriores; porque, crede-o bem, quando um infortunado se acha em vosso caminho, não é por efeito do acaso. Para os pais do jovem Francisco, era uma grande prova ter um filho nessa triste posição. Pois bem! eles cumpriram dignamente sua missão, e serão tanto mais recompensados quanto agiram espontaneamente, pelo próprio impulso do coração. Se os Espíritos não sofressem na encarnação, é porque na Terra só haveria Espíritos perfeitos.

# Galileu

## FRAGMENTOS DO DRAMA DO SR. PONSARD

(Ver o número precedente)

Um século antes de Galileu, Copérnico tinha concebido o sistema astronômico que traz o seu nome.<sup>13</sup> Com o auxílio do telescópio que havia inventado, e juntando a observação direta à teoria, Galileu completou as idéias de Copérnico e demonstrou sua verdade pelo cálculo. Com seu instrumento, pôde estudar a natureza dos planetas e, de sua similitude com a Terra, concluiu pela sua habitabilidade. Igualmente tinha reconhecido que as estrelas são outros tantos sóis, disseminados nos espaços sem limites, e pensou que cada um devia ser o centro do movimento de um sistema planetário. Acabava de descobrir os quatro satélites de Júpiter e este acontecimento abalou o mundo científico e o mundo religioso. O poeta se dedica a pintar, no seu drama, a diversidade dos sentimentos que excitou, conforme o caráter e os preconceitos dos indivíduos.

Dois estudantes da Universidade se entretêm com a descoberta de Galileu, e como não estão de acordo, buscam a opinião de um professor de renome.

**Albert:**

Nós num ponto, doutor, em desacordo estamos,  
Queríamos, pois, saber o que pensais.

**Pompeu:**

Ele aceita pedir conselhos bons, reais,  
– De que se trata, então?

<sup>13</sup> Copérnico, astrônomo polonês, nascido em Thorn (Estados prussianos) em 1473, morto em 1543. – Galileu, nascido em Florença em 1564, condenado em 1633, morto em 1644, cego. O sistema de Copérnico já era condenado pela Igreja.

**Vivian:**

Dos satélites vistos  
De Júpiter ao redor nos orbitais previstos.

**Pompeu:**

Não existem, não.

**Vivian:**

Mas...

**Pompeu:**

Não podem existir.

**Vivian:**

Podemos, entretanto, os ver e conferir.

**Pompeu:**

Não, nem mesmo os contar que inexistentes são.

**Albert:**

Tu o ouves, Vivian?

**Vivian:**

E por que mestre, então?

**Pompeu:**

E porque sustentar que Deus pode ter feito  
Quatro globos além dos sete com efeito  
É propósito mau, um tema em fantasia,  
Anti-religioso e sem filosofia.  
*(E vendo Galileu seguido por muitos estudantes)*  
Basbaques, tolos, são! e infame charlatão!

**Albert a Vivian:**

Vês que o doutor Pompeu contra ti se revela.

**Vivian:**

Bem melhor pra Doutrina em que creio e tão bela;  
*É de toda a verdade a marcha natural,*  
*Contra ela amotinar-se os pedantes do mal.*

Aí bem está a força do raciocínio de certos negadores das idéias novas: isto não é porque não pode ser. Perguntava-se a um sábio: Que diríeis se vísseis uma mesa erguer-se sem ponto de apoio? – Não acreditaria, respondeu ele, porque sei que isto não pode ser.

**Um monge, pregando à multidão:**

Escutai o que diz o Apóstolo: Nos céus  
 Vossos olhos passeais, por que, ó Galileus?  
 Que ele, assim, de antemão anátema lançava  
 Contra ti, Galileu, e teu plano atacava.  
 Nós mesmos vemos, hoje, e muito claramente,  
 Quanto horror tem o céu a este ensino inciente,  
 E o Arno transbordado e o gelo nos vinhais,  
 Do divino furor são dolentes sinais.  
 Meus irmãos, desdenhai as mentiras grosseiras;  
 Para a Terra marchar só com pés, sem canseiras?  
 Pois se a Lua se move é que há um anjo que a guia;  
 Porque a cada planeta um condutor vigia;  
 Mas da Terra, seu anjo, onde ele está, nos montes?  
 Seria visto aí. – No centro? O mal tem fontes.

Lívia, mulher de Galileu, é o tipo de pessoa de mente estreita, mais preocupada com a vida material do que com a glória e a verdade.

*Lívia, a Galileu:*

...Por que a mente esquentar,  
 Novos ensinamentos em vão a divulgar?  
 Tais novidades são resumíveis num termo,  
 Invenção do diabo e o mal expresso em ermo.  
 Pelo modo por que vos olha cada qual,  
 Se não te guardas bem, isto acabará mal.  
 Oh! por que não seguir os dignos professores  
 Que isso dizem citando os seus predecessores?  
 Eis pessoas em quem reina sempre o bom-senso;  
 Ensinam sem questão no que esperam consenso,  
 E sem se desgastar em público abatido  
 Se a Aristóteles ou Copérnico haver crido,  
 Sustentam com saber que a certa opinião  
 Aquela deve ser por qual se paga então,  
 Se a Aristóteles cabe o cofre-forte abrir,  
 Aristóteles faz Copérnico sair.  
 Não se fazem assim dissentir com ninguém;  
 Mas embolsam em paz os florins que lhes vêm;  
 Prosperam; moram bem; e sempre bem nutridos;  
 As filhas dotes têm com que encontram maridos;  
 Seu auditório é suave e nunca atormentado;  
 Retornam sempre ao lar para o caldo esperado;  
 Mas vós, vós fazeis raiva, e alguém vos aplaudia  
 E nesse meio tempo, eis que o jantar esfria.

Fragmentos do monólogo de Galileu no começo do segundo ato:

Não mais o tempo em que, no reino solidão,  
 A Terra no seu trono era imóvel então;  
 Não, o carro veloz, levando o astro do dia  
 Do nascer até se pôr não mais seu rumo guia;  
 Pois já do firmamento a curva cristalina  
 Que, como um teto azul, de lustres se ilumina;  
*Não é só para nós que Deus fez Universos;*  
 Mas antes de nos ter fomos no orgulho imersos!  
 Pois se abdicamos nós uma realeza falsa,  
 Porquanto da verdade a Ciência nos exalça;  
 Faz-se o corpo menor, mais o Espírito cresce;



Nossa nobreza crê ou nossa fé decresce.  
 Para o homem é mais belo, ínfima criatura,  
 Os intrincados véus ele abrir da Natura,  
 E de ousar abraçar em sua concepção  
 A lei universal da própria criação,  
 Como nos dias ser, de vaidosa mentira  
 Rei de certa ilusão que num sonho se mira,  
 Centro inculto de um todo e do qual crê-se autor,  
 E só por ter pensado, hoje acha-se senhor.  
 O Sol, globo de fogo, gigantesca fornalha,  
 Um caos incandescente e de onde a vida espalha,  
 Tempestivo oceano onde oscilam perdidos  
 Rochas que se diluem e alguns metais fundidos,  
 Batendo e misturando, as vagas inflamadas  
 São negras explosões de fumo carregadas,  
 Uma ilhota vermelha exsurge do crisol,  
 Tolda pela manhã, hoje a face do Sol;  
 Almeja em torno a ti, ó incêndio fecundo,  
 A Terra, nossa mãe, um resfriar profundo,  
 E, resfriados como ela, e, que *vivem como ela*;  
 Marte sempre sangrento e Vênus de luz bela;  
 Junto ao teu esplendor, Mercúrio vive assim,  
 E desse reino teu Saturno no confim,  
 E por Deus, para mim, e com venturas suas  
 A Júpiter coroa um quádruplo de luas.  
 Mas, astro soberano e centro desses mundos  
 Para além desse império os limites profundos,  
 Os milhares de sóis numerosos e densos,  
 Que ninguém contar pode em seus grupos imensos.  
 Prolongam, como tu, suas vastas crateras,  
 Movendo, como tu, planetárias esferas,  
 Que lhes giram em torno, o seu curso a compor,  
 E colhem de seu rei claridade e calor.  
 Oh! sim, sois vós melhor que as lâmpadas noturnas,  
 Que dariam mais luz que as chamas taciturnas,  
 Inúmeros clarões, estrelas que empoeirais,  
 De vossa areia de ouro as sendas azulais,  
*Em casa vos palpita a vida universal,*  
 Mais não vemos senão uma centelha astral.

---

E em toda a parte ação, o movimento e a alma!  
 Rolando, aqui e ali, em seus centros sem calma,

*Globos de habitação, cujos homens pressinto,  
Viverem meu viver, sentirem como eu sinto,  
Uns rebaixados mais, enquanto outros talvez  
Em mais altos degraus na ordem de sua vez!*  
Quão grande! Como é belo! Em que culto profundo!  
O Espírito em torpor, se perde em abismo fundo!  
Copiosíssimo autor, que tua onipotência  
Aí se mostra em glória e em tal magnificência!  
Que a vida a se expandir em ondas no infinito,  
Vastamente proclama o teu nome bendito!  
Perseguidores, ide! Anátemas lançai!  
Tenho mais fé que vós, sabendo pois ficai.  
Deus, que vós invocais, melhor que vós imerso  
Nele vejo: só lama, e pra vós é o Universo;  
Para mim sobretudo a obra divina brilha;  
Vós a fazeis estreita, e eu lhe redobro a trilha;  
Como se dava aos reis carro triunfador,  
Universos coloco aos pés do Criador.

*Fragmentos do diálogo entre o inquisidor e Galileu:*

**O Inquisidor:**

Verdadeiro não é qual o das Escrituras;  
Erro é tudo o que resta, e visões, e imposturas;  
Quem no contrário crê em seu ensinamento  
Não é esclarecido, é um cego desatento.

**Galileu:**

Sim, a fé do cristão tem a norma que a guia;  
Seu único poder reina na teologia,  
E deve a adoração curvar nossos espíritos  
Aos dogmas divinais em que aí são inscritos;  
Mas da matéria o mundo escapa à força insana;  
Deus o entrega inteiro à discussão humana;  
Por de coisas tratar que caem sob os sentidos,  
Sentidos e razão se mostram combalidos;  
A autoridade cala; e nula a ordem se faz  
Bem no centro da esfera os raios desiguais,

De heresia se anula acusar-se o compasso,  
 Nem aos corpos impor que não girem no espaço.  
 Enfim, o olho é juiz do Universo visível.  
 Se o imutável dogma é na Bíblia intangível,  
 A Ciência repele essa imobilidade,  
 E nos ferros morrendo alcança a liberdade.

---

**O Inquisidor:**

---

Ora, não vês então que teu novo sistema  
 Turvando a astronomia à fé deixa em dilema?  
 O erro material em certo ponto aceito,  
 Em todo o Testamento o exame faz suspeito;  
 Quem uma vez falhou não é mais infalível;  
 A dúvida se aceita, o exame é ato possível,  
 E logo há conclusão, se alguém ousa julgar,  
 Da física inexata o dogma se enganar.

**Galileu**

Eu a fé destruir, quando engrandeço o culto!  
 Em sua obra ver Deus é Lhe fazer insulto?  
 Ah! senti-la melhor, é melhor adorá-la,  
 E entanto, honrá-la mal é que é desfigurá-la.  
 Os céus conforme a Bíblia em que devemos crer,  
 Os céus de seu Autor glória nos fazem ver;  
 Bem melhor que ninguém Lhe escuto a narração,  
 E tenho repetido o que a dizer estão.

---

De uma verdade nova há quem lhe barre o fio?  
 Uma gota deter, será deter um rio?  
 Crede-me, respeitai estas aspirações,  
 Elas têm muito impulso e muitas expansões  
 Pra deixar-se reter nas grades da prisão;  
 Deixai-lhes livre o campo ou *morte ao barreirão!*  
 – Ah! Roma ao ver um dia os teus cultos proscritos,  
 Dizias nada opor senão do gládio aos ritos;  
 Só triunfaste, então, ao mudar de papel

E opondo ao próprio gládio a palavra em laurel.

Antônia, filha de Galileu, vendo proscrito o pai, lhe diz:

Tua filha, eis-me aqui. Sim, meu piedoso amor  
Seguirá o proscrito, e dos céus vencedor.  
Levando, vale a vale, o teu bastão assim,  
Direi: “De Galileu o pão trazei-mo a mim,  
Para aquele que um lar negaram-lhe os cristãos,  
E altar teria tido entre os povos pagãos.”

Galileu sondou as profundezas dos céus e revelou a pluralidade dos mundos materiais. Como dissemos, foi toda uma revelação nas idéias; um novo campo de exploração foi aberto à Ciência. O Espiritismo vem operar outra não menor, revelando a existência do mundo espiritual que nos rodeia; graças a ele o homem conhece seu passado e seu verdadeiro destino. Galileu derrubou as barreiras que circunscreviam o Universo: o Espiritismo o povoa e enche o vazio dos espaços infinitos. Embora mais de dois séculos nos separem das descobertas de Galileu, muitos preconceitos ainda estão vivos; a nova doutrina emancipadora encontra os mesmos obstáculos; atacam-na com as mesmas armas, opõem-lhe os mesmos argumentos. Lendo o drama do Sr. Ponsard, poder-se-ia dar nomes próprios modernos a cada um de seus personagens. Entretanto, a má vontade e a perseguição não impediram que a doutrina de Galileu triunfasse, porque era a verdade. Dar-se-á o mesmo com o Espiritismo, porque é, também, uma verdade. Seus detratores serão olhados pela geração futura com os mesmos olhos com que olhamos os de Galileu.

## Lúmen

Por Camille Flammarion

(2º artigo – Vide o número de março)

Deixamos Lúmen em *Capela*, ocupado em considerar a Terra, que acabava de deixar. Estando este mundo situado a 170

trilhões e 392 bilhões de léguas da Terra, e percorrendo a luz 70.000 léguas por segundo, esta não pode chegar de um a outro senão em 71 anos, 8 meses e 24 dias, ou seja, cerca de 72 anos. Disso resulta que o raio luminoso que leva a imagem da Terra só chega aos habitantes de Capela ao cabo de 72 anos. Tendo Lúmen morrido em 1864, e lançando o olhar sobre Paris, a viu tal qual era 72 anos antes, isto é, em 1793, ano de seu nascimento.

De início ficou muito surpreso por encontrar tudo diferente do que tinha visto, de ver ruelas, conventos, jardins, campos, em lugar de avenidas, novos bulevares, estações ferroviárias, etc. Viu a Praça da Concórdia ocupada por uma imensa multidão e foi testemunha ocular do advento de 21 de janeiro.<sup>14</sup> A teoria da luz lhe deu a chave deste estranho fenômeno. Eis a solução de algumas dificuldades que ele levanta.<sup>15</sup>

*Sitiens* – Mas, então, se o passado pode confundir-se com o presente; se a realidade e a visão se casam do mesmo modo; se pessoas mortas há muito tempo ainda podem ser vistas representando na cena; se as construções novas e as metamorfoses de uma cidade como Paris podem desaparecer e deixar ver em seu lugar a cidade de outrora; enfim, se o presente pode apagar-se para a ressurreição do passado, sobre que certeza, de agora em diante, podemos confiar? Em que se tornam a Ciência e a observação? Em

14 **N. do T.:** Flammarion se refere à execução de Luís XVI, ocorrida em 21 de janeiro de 1793.

15 Segundo o cálculo, e em razão da distância do Sol, que é de 38 milhões e 230 mil léguas de 4 quilômetros, a luz desse astro nos chega em 8 minutos e 13 segundos. Disso resulta que um fenômeno que se passasse em sua superfície só nos chegaria 8 minutos e 13 segundos mais tarde, e se tal fenômeno fosse instantâneo, já não existiria mais quando o vissemos. Sendo a distância da Lua de apenas 85.000 léguas, sua luz nos chega mais ou menos em um segundo e um quarto; por conseguinte, as perturbações que aí pudessem acontecer nos apareceriam pouco depois do momento em que ocorressem. Se Lúmen estivesse na Lua, teria visto a Paris de 1864, e não de 1793. Se estivesse num mundo duas vezes mais afastado do que Capela, teria visto a Regência.

que se tornam as deduções e as teorias? Em que se fundam os nossos conhecimentos, que nos parecem os mais sólidos? E se essas coisas são verdadeiras, não devemos, doravante, duvidar de tudo ou crer em tudo?

*Lúmen* – Estas considerações e muitas outras, meu amigo, me absorveram e atormentaram, mas não impediram de ser a realidade que eu observava. Quando tive a certeza de que tínhamos presente sob os olhos o ano de 1793, pensei imediatamente que a própria Ciência, em vez de combater esta realidade – porque duas verdades não podem opor-se entre si – devia me dar a sua explicação. Então interroguei a física e esperei sua resposta. (Segue a demonstração científica do fenômeno.)

*Sitiens* – Assim, o raio luminoso é como um correio, que nos traz notícias do estado do país que o envia, e que, se levar 72 anos para nos chegar, dá-nos o estado desse país no momento de sua partida, isto é, cerca de 72 anos antes do momento em que nos chega.

*Lúmen* – Adivinhastes o mistério. Para falar mais exatamente ainda, o raio luminoso seria um correio que nos trouxesse, não notícias escritas, mas a fotografia, ou mais rigorosamente ainda, *o próprio aspecto* do país de onde saiu. Quando, pois, examinamos ao telescópio a superfície de um astro, ainda não vemos esta superfície tal qual é no momento mesmo em que a observamos, mas tal qual era no momento em que a luz que nos chega foi emitida por essa superfície.

*Sitiens* – De sorte que se uma estrela cuja luz leva, suponhamos, dez anos para chegar até nós, fosse subitamente aniquilada hoje, nós a veríamos ainda durante dez anos, pois seu último raio só nos chegaria em dez anos.

*Lúmen* – É exatamente isto. Há, pois, aí, uma surpreendente transformação do passado em presente. Para o astro observado é o passado, já desaparecido; para o observador é o presente, o atual. O passado do astro é rigorosa e positivamente o presente do observador.

Mais tarde Lúmen vê a si mesmo, menino, com seis anos, brincando e discutindo com um grupo de outros meninos na Praça do Panthéon.

*Sitiens* – Confesso que me parece impossível que se possa ver assim a si mesmo. Não podeis ser duas pessoas. Já que tínheis 72 anos quando morrestes, vosso estado de infância tinha passado, desaparecido há muito tempo. Não podeis ver uma coisa que não mais existe. Não se pode ver em duplicata, menino e velho.

*Lúmen* – Não refletis bastante, meu amigo. Compreendestes muito bem o fato geral para o admitir; mas não observastes suficientemente que este último fato particular entra absolutamente no primeiro. Admitis que o aspecto da Terra leva 72 anos para vir a mim, não é? que os acontecimentos não me chegam senão com este intervalo de tempo depois de sua atualidade? Numa palavra, que eu veja o mundo tal qual era naquela época. Iguamente admitis que, vendo as ruas daquela época, eu veja, ao mesmo tempo, os meninos que corriam naquelas ruas? Pois bem! desde que vejo este grupo de crianças, do qual fazia parte, por que quereis que não me veja tão bem quanto vejo os outros?

*Sitiens* – Mas não estais mais naquele grupo.

*Lúmen* – Ainda uma vez, este grupo mesmo não mais existe agora, mas eu o vejo tal qual existia no instante em que partia o raio luminoso que hoje me chega e, já que distingo os quinze ou dezoito meninos que o compunham, não há razão para que o menino que era eu desapareça, só porque sou eu quem o olha. Outros observadores o veriam em companhia de seus camaradas.

Por que quereis que haja exceção quando sou eu quem olha? Eu os vejo todos, e me vejo com eles.

Lúmen passa em revista a série dos principais acontecimentos políticos, ocorridos desde 1793 até 1864, quando ele próprio se vê em seu leito de morte.

*Sitiens* – Estes acontecimentos passaram rapidamente sob os vossos olhos?

*Lúmen* – Eu não poderia apreciar a medida do tempo. Mas todo esse panorama retrospectivo se sucedeu certamente em menos de um dia... talvez em algumas horas.

*Sitiens* – Então não compreendo mais. Se 72 anos terrestres passaram sob vossos olhos, deveriam ter gasto exatamente 72 anos para vos aparecer, e não algumas horas. Se o ano de 1793 só vos apareceu em 1864, em compensação o de 1864 não vos deveria aparecer senão em 1936.

*Lúmen* – Vossa objeção é fundada e me prova que compreendestes bem a teoria do fato. Por isso, vou explicar-vos por que não me foi necessário esperar 72 novos anos para rever minha vida, e como, sob o impulso de uma força inconsciente, de fato a revi em menos de um dia.

Continuando a seguir minha existência, cheguei aos últimos anos, notáveis pela transformação radical que sofreu Paris; vi meus últimos amigos e vós mesmo; minha família e meu círculo de relações; enfim chegou o momento em que me vi deitado em meu leito de morte e onde assisti à última cena. É dizer-vos que tinha voltado à Terra.

Atraída pela contemplação que a absorvia, rapidamente minha alma tinha esquecido um montão de velhos e Capela. Como se o sente por vezes em sonho, ela voava para o objetivo de seus olhares. De início não me apercebi, tanto a estranha visão



cativava todas as minhas faculdades. Não vos posso dizer nem por que lei, nem por que força as almas podem transportar-se tão rapidamente de um a outro lugar; mas a verdade é que eu tinha *voltado à Terra* em menos de um dia, e que penetrava em meu quarto no exato momento de meu enterro.

Porque, nesta viagem de volta, eu ia à frente dos raios luminosos, eu diminuía incessantemente a distância que me separava da Terra, a luz tinha cada vez menos caminho a percorrer e abreviava assim a sucessão dos acontecimentos. Em meio do caminho, não me mostravam mais a Terra de 72 anos antes, mas de 36. Aos três quartos do caminho, os aspectos eram atrasados apenas 18 anos. Na metade do último quarto, chegavam-me apenas após passados 9 anos, e assim por diante; de sorte que a série inteira de minha existência se achou condensada em menos de um dia, devido à rápida volta de minha alma, indo à frente dos raios luminosos.

Quando Lúmen chegou em Capela, viu um grupo de velhos ocupados em considerar a Terra, e dissertando sobre o acontecimento de 1793. Um deles disse aos companheiros:

“De joelhos! meus irmãos; peçamos indulgência ao Deus universal. Esse mundo, essa nação, essa cidade estão manchados por um grande crime; a cabeça de um rei inocente acaba de cair.” Aproximei-me do ancião, diz Lúmen, e lhe pedi que me fizesse o relato de suas observações.

“Informou-me que, pela intuição de que são dotados os Espíritos do grau dos que habitam este mundo, e pela faculdade íntima de apercepção que receberam em partilha, possuem uma espécie de relação magnética com as estrelas vizinhas. Estas estrelas são em número de doze ou quinze; são as mais próximas; fora dessa região a apercepção torna-se confusa. Nosso Sol é uma

dessas estrelas vizinhas.<sup>16</sup> Eles conhecem, pois, vagamente mas sensivelmente, o estado das humanidades que habitam os planetas dependentes desse sol e o seu relativo grau de elevação intelectual e moral.

*“Além disso, quando uma grande perturbação atravessa uma dessas humanidades, quer na ordem física, quer na ordem moral, eles sofrem uma espécie de comoção íntima, como se vê uma corda vibrante fazer entrar em vibração uma outra corda situada a distância.”*

“Há um ano – o ano deste mundo é igual a dez dos nossos – eles se tinham sentido atraídos por uma emoção particular para o planeta terrestre, e os observadores tinham seguido com interesse e inquietude a marcha deste mundo.”

Laboraríamos em erro se inferíssemos do que precede que os habitantes das diferentes esferas, do ponto de vista onde estão, lançam um olhar investigativo sobre o que se passa nos outros mundos, e que os acontecimentos que aí se realizam passam sob seus olhos como no campo de uma luneta. Aliás, cada mundo tem suas preocupações especiais, que cativam a atenção de seus habitantes, conforme suas próprias necessidades, seus costumes

16 170 trilhões e 392 bilhões de léguas! Pela distância que separa as estrelas vizinhas pode-se julgar a extensão ocupada pelo conjunto das que, entretanto, nos parecem à vista tão perto umas das outras, sem contar o número infinitamente maior das que só são perceptíveis com o auxílio do telescópio e que não são, elas próprias, senão uma ínfima fração das que, perdidas nas profundezas do infinito, escapam a todos os nossos meios de investigação. Se se considerar que cada estrela é um sol, centro de um turbilhão planetário, compreender-se-á que o nosso próprio turbilhão não passa de um ponto nessa imensidade. Que é, pois, nosso globo de 3.000 léguas de diâmetro, entre esses bilhões de mundos? Que são seus habitantes, que durante muito tempo acreditaram que seu pequeno mundo era o ponto central do Universo, e eles próprios se crerem os únicos seres vivos da criação, concentrando apenas em si as preocupações e a solicitude do Eterno e crendo de boa-fé que o espetáculo dos céus não tinha sido feito senão para lhes recrear a vista? Todo esse sistema egoísta e mesquinho, que, durante longos séculos, constituiu o fundamento da fé religiosa, desmoralizou-se diante das descobertas de Galileu.

completamente diferentes e seu grau de adiantamento. Quando os Espíritos encarnados num planeta têm motivos pessoais para se interessarem pelo que se passa em outro mundo, ou por alguns dos que o habitam, sua alma para lá se transporta, como fez a de Lúmen, em estado de desprendimento, e então se tornam momentaneamente, a bem dizer, habitantes espirituais desse mundo, ou aí se encarnam em missão. Eis, pelo menos, o que resulta do ensinamento dos Espíritos.

Esta última parte do relato de Lúmen carece, pois, de exatidão; mas não se deve perder de vista que esta história não passa de uma hipótese, destinada a tornar mais acessíveis à inteligência e, de certo modo, palpáveis pela entrada em ação, da demonstração de uma teoria científica, como fizemos observar em nosso artigo precedente.

Chamamos a atenção para o parágrafo acima, no qual é dito que: “As grandes perturbações *físicas e morais* de um mundo produzem sobre os mundos vizinhos uma espécie de comoção íntima, como uma corda vibrante faz vibrar uma outra corda colocada a distância.” O autor, que em matéria de ciência não fala levemente, anuncia aí um princípio que um dia bem poderia ser convertido em lei. A Ciência já admite, como resultado da observação, a ação recíproca material dos astros. Se, como se começa a suspeitar, esta ação, aumentada pelo fato de certas circunstâncias, pode ocasionar perturbações e cataclismos, nada haveria de impossível que essas mesmas perturbações tivessem seu contragolpe. Até o presente a Ciência considerou apenas o princípio material; mas, se se levar em conta o princípio espiritual como elemento ativo do Universo, e se se pensar que esse princípio é tão geral e tão essencial quanto o princípio material, conceber-se-á que uma grande efervescência deste elemento e as modificações que ele sofre num ponto dado possam ter sua reação, por força da correlação necessária que existe entre a matéria e o espírito. Há certamente nesta idéia o germe de um princípio

fecundo e de um estudo sério para o qual o Espiritismo abre caminho.

## Dissertações Espíritas

A VIDA ESPIRITUAL

(Grupo Lampérière, 9 de janeiro de 1867 – Médiun: Sr. Delanne)

Estou aqui, feliz por vir saudar-vos, encorajar-vos e vos dizer:

Irmãos, Deus vos cumula de benefícios, permitindo-vos nestes tempos de incredulidade que respireis a plenos pulmões o ar da vida espiritual, que sopra com vigor através das massas compactas.

Crede em vosso antigo associado, crede em vosso amigo íntimo, vosso irmão pelo coração, pelo pensamento e pela fé; crede nas verdades ensinadas: elas são tão seguras quanto lógicas; crede em mim que, há alguns dias, me contentava, como vós, em crer e esperar, ao passo que hoje a doce ficção é para mim uma imensa e profunda verdade. Toco, vejo, existo, possuo; portanto, esta vida é real; analiso minhas impressões de hoje e as comparo com as ainda recentes, da véspera.

Não só me é permitido comparar, sintetizar, avaliar minhas ações, meus pensamentos, minhas reflexões, julgá-las pelo critério do bom-senso, mas as vejo, as sinto, *sou testemunha ocular*, sou a coisa realizada. Não são mais consoladoras hipóteses, sonhos dourados, esperanças; é mais que uma certeza moral: é o fato real, palpável, o fato material que se toca, que vos toma sob sua forma tangível, e que nos diz: isto é.

Aqui tudo respira calma, sabedoria, felicidade; tudo é harmonia, tudo diz: eis o sumo do senso íntimo; não mais

quimeras, falsas alegrias, temores pueris, falsa vergonha, dúvidas, angústias, perjúrios, nada desse cortejo vil de fabulosas dores, de erros grosseiros, como se vê diariamente na Terra.

Aqui se é penetrado de uma quietude inefável; admira-se, ora-se, adora-se, rendem-se ações de graça ao sublime autor de tantos benefícios; estuda-se e se entrevêem todas as potências infinitas; vê-se o movimento das leis que regem a Natureza. Cada obra tem uma finalidade, que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral. Vê-se o progresso progredir a todas as transformações físicas e morais, porque o progresso é infinito como Deus, que o criou. Tudo é compreensível; nada de abstrações: toca-se com o dedo e a razão o porquê das coisas humanas. As legiões espirituais adiantadas só têm um objetivo, o de se tornarem úteis a seus irmãos atrasados, para os elevar para elas.

Trabalhai, pois, sem cessar, conforme vossas forças, meus bons irmãos, para vos melhorardes e serdes úteis aos vossos semelhantes; não só fareis dar um passo a doutrina que é vossa alegria, mas tereis contribuído poderosamente ao progresso do vosso planeta; a exemplo do grande legislador cristão, sereis homens, homens de amor, e concorrereis para implantar o reino de Deus sobre a Terra.

Aquele que é ainda e mais que nunca vosso condiscípulo.

*Leclerc*

*Observação* – Tal é, com efeito, o caráter da vida espiritual; mas seria um erro crer que basta ser Espírito para a encarar deste ponto de vista. Dá-se com o mundo espiritual o que sucede com o mundo corporal: para apreciar as coisas de uma ordem elevada, é necessário um desenvolvimento intelectual e

moral que não é peculiar senão aos Espíritos adiantados; os Espíritos atrasados são estranhos ao que se passa nas altas esferas espirituais, como o eram na Terra naquilo que constitui a admiração dos homens esclarecidos, porque não o podem compreender. Como seu pensamento circunscrito num horizonte limitado não pode abarcar o infinito, não podem ter os prazeres que resultam do alargamento da esfera de atividade espiritual. A soma de felicidade, no mundo dos Espíritos, aí está, pois, pela força das coisas, em razão do desenvolvimento do senso moral, de onde resulta que, trabalhando na Terra por nosso melhoramento e nossa instrução, aumentamos as fontes de felicidade para a vida futura. Para o materialista, o trabalho só tem um resultado limitado à vida presente, que pode acabar de um instante para outro; o espírita, ao contrário, sabe que nada do que adquire, mesmo à última hora, é uma pura perda, e que todo progresso realizado lhe será proveitoso.

As profundas considerações de nosso antigo colega, Sr. Leclerc, sobre a vida espiritual, são, pois, uma prova de seu adiantamento na hierarquia dos Espíritos, pelo que o felicitamos.

#### PROVAS TERRESTRES DOS HOMENS EM MISSÃO

(Douay, 8 de março de 1867 – Médium: Sra. M...)

...É preciso, meus filhos, que o sangue depure a Terra; terrível luta, ainda mais horrível pelo esplendor da civilização em cujo meio ela rebenta. Que, Senhor! quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um extremo a outro do mundo! quando na aurora da fraternidade material se vêem as linhas de demarcação de raças, costumes e linguagem tenderem para a unidade, chega a guerra com seu cortejo de ruínas, de incêndios, de profundas divisões, de ódios religiosos. Sim, tudo isto porque nada em nosso progresso foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços não foram apertados nem pela bondade, nem pela lealdade,

mas apenas pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram diminuídas em vossas fronteiras pelo amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque as vistas são humanas e instintivas, e não espirituais e caridosas; porque os governantes só buscam os seus proveitos, e cada um, entre os povos, faz outro tanto.

Sublime desinteresse de Jesus e de seus apóstolos, onde estás? – Ficais tristes, meus filhos, quando algumas vezes pensais na rude missão desses Espíritos sublimes, que vêm levantar a coragem da Humanidade e morrer na tarefa, depois de ter esvaziado o cálice amargo das ingratidões humanas. Gemeis por ver que o Senhor, que os enviou, parece abandoná-los no momento em que sua proteção parece mais necessária. Não vos falaram das provas que sofrem os Espíritos elevados no momento de transpor um degrau mais alto na iniciativa espiritual? Não vos disseram que cada grau da hierarquia celeste se compra pelo mérito, pelo devotamento, como entre vós, no exército, pelo sangue derramado e pelos serviços prestados? Pois bem! é o caso em que se encontram os Messias nesta terra de dores; são sustentados enquanto dura sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e para Deus, mas, quando só eles estão em jogo, quando sua prova se torna individual, o socorro visível se afasta, a luta se mostra áspera e rude quando o homem deve sofrê-la.

Eis a explicação desse aparente abandono, que vos aflige na vida dos missionários de todos os graus de vossa Humanidade. Não penseis que Deus abandone jamais a sua criatura por capricho ou impotência; não, mas no interesse de seu adiantamento ele a deixa às suas próprias forças, ao completo emprego de seu livre-arbítrio.

## O GÊNIO

(Douai, 13 de março de 1867 – Médiun: Sra. M...)

P. – O gênio é conferido a cada Espírito conforme a sua conquista, ou segundo uma lei divina, em relação com as necessidades de um povo ou da Humanidade?

*Resp.* – O gênio, caros filhos, é a irradiação das conquistas anteriores. Essa irradiação é o estado do Espírito no desprendimento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções a fazer. O gênio mais comum entre vós é simplesmente o estado de um Espírito, do qual uma ou duas faculdades ficaram desvendadas e em estado de agir livremente; recebeu um corpo que permite sua expansão na plenitude adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e adiantados, onde a aquisição é universal sobre todos os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido na Terra. Estas espécies de gênio se distinguem dos primeiros por uma aptidão excepcional para todos os talentos, para todos os estudos. Concebem todas as coisas por uma intuição segura, e que confunde a ciência ensinada pelos mais sábios. Distinguem-se em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. São faróis, iniciadores, exemplos. São homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, assim como se enviam entre os bárbaros, para os instruir, alguns sábios de uma capital civilizada. Tais foram entre vós os homens que, em diversas épocas, fizeram avançar a Humanidade, os sábios que alargaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Vieram e pressentiram o destino terrestre, por mais longe que estivessem da realização deste destino. Todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou foram o seu ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito e não está subordinado a uma lei; sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que



os antecedentes são todo o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio é superior pela mesma causa. Nem tudo é velado na encarnação a ponto de nada transparecer de nosso ser anterior. A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrena os reduza à obscuridade.

As provas a sofrer bem podem velar, atenuar algumas de nossas faculdades, adormecê-las, mas se tiverem chegado a um alto grau, o Espírito não pode perder inteiramente a sua posse e exercício; tem em si a segurança de que os mantém sempre à sua disposição; muitas vezes mesmo não pode consentir em delas se privar. Eis o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens adiantados, que preferiam sofrer por suas altas faculdades a deixar que estas se apagassem por algum tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes, onde o pensamento irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos; nosso Espírito não verá mais empalidecer suas aquisições sob o peso da vida do corpo, ou extinguir-se sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança. Que são junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que se punham aos pés destes homens! Os soberanos mendigavam suas obras, disputavam a sua presença. – Credes que essas vãs honrarias os lisonjeavam? Não; a lembrança de sua gloriosa pátria era muito viva. Eles voltaram felizes sobre o raio de sua glória, aos mundos que seus Espíritos desejavam incessantemente.

Terra! Terra! região fria, obscura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! não lhes podias fazer esquecer a pátria celeste onde viveram, onde voltariam a viver.

Adeus, amigos! ficai certos de que todo homem de bem se tornará cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre num corpo etéreo, possuindo sem nuvens e sem véus todas as suas conquistas. Então, conhecereis tudo quanto aspirais conhecer, compreendereis tudo quanto procurais compreender, mesmo o meu nome, caro médium, que não te quero dizer.

*Um Espírito*

*Allan Kardec*